

# O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

**Condições da assignatura**—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

*Administrador e editor:* **José Fructuoso da Fonseca**—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



Dr. Antonio Jorge d'Almeida Coutinho e Lemos Ferreira

SUMMARIO

Texto

Dr. Antonio J. d'Almeida C. Lemos Ferreira (perfil).  
 Chronica Quinzenal, por P.  
 Secção piedosa:—Indicador religioso da quinzena; Evangelho; Apostolado da Oração; Pensamentos para estes dias, por Rachel.  
 Questões actuaes: — Ensino Religioso (extracto da Carta Pastoral do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Bispo do Porto).  
 Varia: — Devaneio Litterario, por D. Francisco de Noronha.  
 Secção Social-christã:—Balço do movimento social no anno findo (conclusão) por Pius.

As nossas gravuras.  
 Secção Poetica:—Confissão, poesia, por A. Moreira Bello.  
 Boletim scientifico:—O alcoolismo, (conclusão) pelo Dr.\*\*\*  
 Retrospecto da Quinzena.  
 Bibliographia.

Gravuras

Dr. A. J. d'Almeida C. Lemos Ferreira.  
 O menino Antonio Ruy recitando.  
 Paisagem da Primavera.

# Antonio J. d'Almeida C. e Lemos Ferreira

Innunda-nos intenso jubilo por termos agora ensejo de acompanhar de duas palavras, ainda que bem pallidas e desataviadas, o retrato estampado na nossa galeria da primeira pagina.

Mas ao mesmo tempo punge-nos devéras torturante desgosto, por nos julgarmos incapaz de estereotypar um perfil, por mais ligeiro que seja, já que demais a mais, n'este caso, convém dar-lhe todo o destaque, afim de que o quadro do *vir justus* christão brilhe com as suas verdadeiras tintas, em nimbo refulgente, para salutar modelo e exemplo de todos.

Ao pôr em foco Lemos Ferreira, por meio d'estas linhas, não sabemos por onde primeiro o devemos encarar, se publica ou particularmente. Vamos, pois, visar ao conjuncto sómente, traçando por isso sem ordem as linhas accessorias do perfil.

Lemos Ferreira é um novo de valor indiscutivel, que, cheio de talento, refulge no campo catholico com toda a pujança do verdadeiro luctador. Ha bem pouco ainda que entrou para a vida activa, e já em plena lucta se tem evidenciado como um temeroso adversario.

Orador primoroso como os que melhor o são: tem discursado eloquentemente na Associação Catholica e na da Mocidade Catholica, ambas d'esta cidade, onde os assumptos tratados, pela orientação sãmente orthodoxa, pela largueza de vistas e pela profunda erudição que têm revelado, deram a Lemos Ferreira uma elevadissima consideração, que ninguem lhe regateia.

Publicista distincto, vigoroso, intemerato: a sua pen-

na vernacula tem-se affirmado exuberantemente em innumerados trabalhos originaes, alguns já sahidos dos prelos, ou ainda em artigos jornalisticos, dispersos pela imprensa catholica, e mimosas poesias, onde, a par d'uma finissima inspiração, sobresahe intensamente o lyrismo encantador dos plectros christãos.

No tracto familiar é d'uma correcção extrema, cavalheiresca e fidalga, não a desmentindo nunca na mais pequena das acções. D'uma envergadura heroica, d'essa rijeza antiga «d'antes quebrar que torcer», indo direito ao fim, não sentindo desmaios nem desfallecimentos, eis quem é moralmente Lemos Ferreira.

Finalmente, é um verdadeiro catholico de acção, crente e sincero, demonstrando-o sempre com o maior desassombro onde quer que a sua actividade seja reclamada. Por este facto já bastante lhe deve a causa catholica, e muito lhe deverá ainda, porque em extremo ha a esperar do bello talento e trabalho infatigavel de Lemos Ferreira.

Ficaria incompletissimo este perfil, se não o fizessimos acompanhar dos seus dados biographicos. Eil-òs a largos traços:

\*

Antonio Jorge d'Almeida Coutinho e Lemos Ferreira, é filho unico do dr. Joaquim José Ferreira e de sua ex.<sup>ma</sup> esposa, D. Carolina d'Almeida Coutinho e Lemos. Nasceu, no Porto, no anno de 1875.

Seu pae era bacharel formado, pela Universidade de Coimbra, em duas faculdades que distinctamente cursou—Philosophia Natural e Medicina; tinha a Carta

de conselho, era commendador da Ordem de N. S. da Conceição de Villa Viçosa e exerceu largos annos a medicina, principalmente no Porto, onde se evidenciou, como sendo um medico distinctissimo, conquistando assim um logar primacial na medicina portugueza pela sua altissima orientação e tacto medico.

Esta, por seu pae—Antonio d'Almeida Coutinho e Lemos, Barão do Seixo, é da casa de Trevões e Penedôno.

Antonio Jorge d'Almeida Coutinho e Lemos Ferreira, fez distinctamente os preparatorios do ramo de sciencias d'instrucção secundarias dos lyceus, segundo os programmas do decreto de 18 d'outubro de 1889. Coursou, na Academia Polytechnica do Porto, Mathematica e Philosophia, obtendo, n'aquella um *accessit* e n'esta diversas classificações—*premio*, *accessit* e *distincção*—em todas as cadeiras que constituem a faculdade.

Concluiu o curso em 1902. Filiou-se, em 1902, no *Partido Nacionalista Portuguez*, anno da sua organização, tomando parte nos trabalhos que, por essa epocha, se iniciaram no Porto. Fez parte da commissão que n'essa data fundou o *Centro Eleitoral Nacionalista* do Porto e que elaborou o seu *Regulamento*. E' ainda 2.º secretario d'aquelle Centro.

Cooperou, como 2.º secretario, no grande Congresso Nacionalista, realisado, n'esta cidade, em Junho de 1903. Discursando n'aquella Assembleia, apresentou uma *Memoria*, manuscripta, sobre *Instrucção Publica e Educação Religiosa*, *Memoria*, que, depois de largamente acrescentada, está á hora presente, prestes a sahir do prélo.

E' membro da *Direcção da Associação Catholica* do Porto, como 1.º secretario, e da *Mocidade Catholica* da mesma cidade, como vice presidente.

Tem collaborado em varios jornaes catholicos nomeadamente *A Palavra*, *O Progresso Catholico* e *o Correio Nacional*.

Publicou um opusculo—*Resposta ao Questionario sobre o Ensino Elementar*, a proposito d'um celebre questionario que a *Associação dos Jornalistas de Lisboa* espalhou pelo paiz.



O MENINO ANTONIO RUY RECITANDO



## Chronica Quinzenal

A presente chronica é dedicada inteiramente á regia visita que a soberana ingleza acaba de fazer á nossa nação.

De facto, é essa a noticia mais palpitante da quinzena, digna por isso das honras da chronica.

Em virtude do mau tempo vinha sendo retardada a viagem do yacht real, que trazia a bordo a graciosa magestade britanica, acompanhada das princezas Victoria e Maud, mais o principe Carlos da Dinamarca.

Sahindo de Inglaterra, arribou no dia 20 a Vigo. Ahi não se demorou, partindo logo para Lisboa, no dia 21, ao fim da tarde.

Chegou a Lisboa a 22.

Eram quatro e um quarto da tarde, quando o yacht real inglez fundeu em frente do Terreiro do Paço.

Desde as duas horas que a multidão era enorme ao longo dos passeios das ruas, esperando o cortejo, notando-se grande animação.

Não ha memoria de uma recepção tão brilhante e imponente, attingindo o entusiasmo e delirio por bastas vezes.

O yacht trazia á ré a bandeira portugueza.

A' sua passagem salvaram com vinte e um tiros as fortalezas do Tejo.

O aspecto do Aterro era imponentissimo pelas ornamentações e palanques, que estavam repletos de senhoras. A' uma hora da tarde começaram a sair dos quarteis as tropas que formaram nas ruas do cortejo, tendo como commandante geral, o general sr. Craveiro Lopes. Em frente ao Paço das Necessidades faziam a guarda de honra os alumnos da Escola do Exercito.

No Terreiro do Paço formaram os alumnos da Escola Naval desde o pavilhão até ao caes. A's tres e quarenta e cinco minutos embarcaram no bergantim real, o Rei e Príncipe Real acompanhados dos ministros da marinha e estrangeiros, marquez de Soveral, condes de Tarouca e Figueiró, visconde d'Asseca, Duval Telles e capitão-tenente Pinto Bastos.

O Rei e Príncipe haviam chegado ao Arsenal ás duas horas. Depois das tres horas chegaram ao Terreiro do Paço as rainhas D. Amelia e D. Maria Pia em carruagens, indo tomar lugar no pavilhão.

Precisamente ás quatro e quinze minutos amarrou o yacht á boia, atracando pouco depois o bergantim que conduzia o Rei, Príncipe, D. Affonso e dignatarios.

Depois de curta demora, saíram de bordo as Magestades e Altezas, ficando a bordo as duas Princesas Maud e Victoria e Príncipe Carlos. A's quatro e quarenta e cinco minutos atracou o bergantim ao caes, desembarcando o Rei, a Rainha Alexandra, Príncipes Real e da Dinamarca e Infante D. Affonso, ao encontro dos quaes foram as duas rainhas que estavam no pavilhão, convidadas e camara municipal.

Depois dos cumprimentos nos caes, voltaram ao pavilhão, onde o presidente da camara municipal leu uma allocução, finda a qual se formou o cortejo que era composto de sete carruagens, indo na ultima o Rei e a rainha Alexandra, D. Amelia, dando esta a direita á rainha Alexandra, indo na frente o Rei. Fechava o prestito uma brigada de cavallaria.

No Terreiro do Paço reuniu a colonia ingleza, entre a qual os Padres inglezinhos.

Quando se approximou o bergantim saíram á frente da colonia duas lindas creanças que, ao desembarcar a rainha Alexandra, lhe entregaram dois ramos de lyrios do Valle Flor, de que é predilecta a rainha Alexandra, com fitas de setim de côres inglezas, rompendo a colonia em hurrabs clamorosos, correspondendo a multidão enthusiasmada.

Em todas as ruas do trajecto foram lançadas flores sobre a carruagem da rainha Alexandra. Das janellas muitas senhoras davam palmas e soltavam vivas. Em todo o percurso a multidão acclamava calorosamente.

Na rua do Ouro soltaram se pombos, levando laços com côres inglezas e portuguezas, um dos quaes caiu em cima dos coches de suas magestades, permanecendo no tejadilho até os coches entrarem no Paço.

A rainha Alexandra achou encantadora a entrada do Tejo ao qual se referiu com enthusiasmo. Vestia ella de seda e velludo.

O ministro de Inglaterra e pessoal da legação foram esperar o yacht n'um vapor do arsenal. A rainha Alexandra ficou encantada com a recepção, manifestando o desejo de passear amanhã em carruagem descoberta pelas ruas do cortejo.

Aguardavam no Paço a chegada das magestades, o infante D. Manuel, duqueza de Palmella, marquez do Fayal, dirigindo-se todos e comitivas para a sala azul, onde foi servido o chá. A rainha Alexandra antes do jantar foi ao Paço d'Ajuda visitar D. Maria Pia.

As illuminações produziã um effeito esplendido.

Eis a noticia permenorisada da chegada da rainha Alexandra d'Inglaterra na sua visita a Portugal.

P.



## Secção piedosa

### Indicador religioso da quinzena

Abril

- 1—Sab. Santa Theodora, M. Dispensa de abstinencia, satisfazendo-se as condições do Indulto Apostolico de 28 de março de 1855.
- 2—Dom. (4.º da Quaresma) S. Francisco de Paula, Conf.
- 3—Seg. S. Ricardo, Bispo.
- 4—Terç. S. Izidoro, Arceb. de Sevilla e Doutor da Igreja.
- 5—Quart. S. Vicente Ferrer, Confessor.
- 6—Quint. S. Marcellino, Martyr.
- 7—Sext. S. Epiphanio, B. (Dispensa de abstinencia nas condições acima).
- 8—Sab. S. Dionysio, Bispo de Corinto. (As mesmas observações). Cobrem-se as cruces e as imagens.
- 9—Dom. da *Paixão*. Santa Maria Cleophas, que acompanhou N. Senhora ao Calvario, e esteve com ella junto á Cruz.
- 10—Seg. S. Ezequiel, Propheta.
- 11—Terç. S. Leão Magno, Papa.
- 12—Quart. S. Victor, M. portuguez.
- 13—Quint. S. Hermenegildo, Martyr.
- 14—Sext. As Sete Dores de Nossa Senhora. (Dispensa de abstinencia satisfazendo as condições do Indulto).
- 15—Sab. Santas Basilissa e Anastacia, Martyres. (As mesmas observações).

### Evangelho

(Domingo da *Paixão*)

N'aquelle lugar, fallando Jesus ás turbas dos Judeus, dizia-lhes: «Quem de vós me arguirá de peccado? Se eu vos digo a verdade, porque não me crêdes? O que é de Deus, ouve as palavras de Deus. Por isso vós não as ouvis, pois que não sois de Deus».

Responderam então os judeus e disseram-lhe: «Porventura não dizemos nós bem, que tu és um Samaritano e que tens demonio?»

Respondeu-lhes Jesus: «Eu não tenho demonio, mas dou honra a meu Pae e vós me deshonraestes. E eu não busco a minha gloria; outro ha que a buscará e que fará jusuça. Em verdade, em verdade vos digo: que se algum guardar a minha palavra, não verá a morte eternamente».

Disseram-lhe, pois, os judeus: «Agora é que conhecemos que estás possesso do demonio. Abrahão morreu e os prophetas morreram e tu dizes: Se algum guardar a minha palavra, não provará a morte eternamente. Accaso és tu maior do que o nosso pae Abrahão que morreu? e do que os prophetas que também morreram? Quem te fazes tu ser?» Respondeu Jesus: «Se eu me glorifico a mim mesmo, não é nada a minha gloria; meu Pae é que me glorifica».

(S. João, VIII, 46—56).

### Apostolado da Oração

Intenção geral de Abril — **A paciencia christã**

Oração quotidiana durante o mez:—Dulcissimo Coração de Jesus, eu vos offereço, por meio do Coração Immaculado de Maria, as orações, obras e soffrimentos d'este dia, em reparação de nossas offensas e por todas as intenções, pelas quaes vos immolae continuamente sobre o altar. Eu vos-offereço em particular, para que nós acceitemos corajosa e christãmente todas as occasiões de soffrer, imitando a vossa paciencia.

*Resolução apostolica*:—Exercitemo-nos na paciencia, evitando de exercer a dos outros.

Pensamentos para estes dias

Apartae-vos das tendas dos impios, disse o Senhor, e não toqueis em nada do que lhes pertence, se não quereis que vos envolvam em seus peccados.

*Num. XVI.*

Meu filho, se os peccadores tratam de seduzir-te, não cedas aos seus affagos... não andes com elles, separa-te dos seus caminhos.

*Proverb. X.*

Ainda que de ferro fósseis, ficariéis derretidos póstes no meio do fogo. Se vos exposerdes ao contacto dos maus, não estareis muito tempo seguros.

*S. Izidoro.*

Se quereis viver livres do vicio, apartae-vos dos que vos dão exemplos d'elle.

*Seneca.*

Da mesma maneira que as fetidas exhalações dos pantanos corrompem o ar, e semeam em torno as epidemias, assim tambem o tracto frequente com os maus nos submerge no peccado e nos traz a morte.

*Ortuzar.*

Somos os auctores de nossos males na maior parte dos casos. Não é tão fragil a vida como dizem; mas devemos antes admirar de que resista tanto a nossas desordens e excessos.

*Merault.*

D'uma mesa abundante e opipara póde fazer-se uma divisão em tres partes: uma serve para natural sustento do corpo; outra para regalo do paladar; a terceira para acarretar-nos enfermidades.

*Fonsagrives.*

A morte não é mais que um instante, porém instante de que pende uma eternidade. A vida é uma morte lenta; sempre andamos morrendo. Cada hora de viver nos tira uma parte da nossa vida.

*Santo Agostinho.*

A morte espera-nos em todas as partes. Se sois prudentes como deveis ser, em todas as partes esperae por ella.

*S. Bernardo.*

Cada dia póde ser o ultimo da vossa vida. Casimiro, rei da Polonia, morreu em um festim. Ladislau, rei da Hungria, nos preparativos da sua boda. Uma espinha tirou a vida a Tarquinio, rei de Roma. Um cabello em um vaso de leite afogou o senador Fabio. Uma grainha da uva entalada na garganta matou Anacreonte. Por um mosquito bebido na agua se asphixiou o Papa Adriano IV. O Papa Estevão II occupou o solio apenas tres dias; Celestino IV, dezesseis; Licinio, vinte; quarenta e dois Papas viveram menos de um anno no throno.

*Dom Bosco.*

RACHEL.



Questões actuaes

Ensino Religioso

(Excerpto da Carta pastoral do Ex.<sup>mo</sup> R.<sup>mo</sup> Bispo do Porto)

Mas, terminado este assumpto, passemos a um outro, que é meio não menos efficaç para tudo restaurar em Christo.

Queremos fallar do ensino religioso, de cuja necessidade assim escreveu Pio X: «E' para o Nosso coração uma grande tristeza e continua dôr reconhecer que se póde applicar aos nossos dias esta queixa de Jeremias: As creancinhas pediram pão e não havia quem lh'o desse. Não falta, com effeito no clero quem, cedendo a gostos pessoais, dispense a sua actividade em coisas d'uma utilidade mais apparente que real, ao passo que talvez menos numerosos, são aquelles que, a exemplo de Christo, tomam para si as palavras do propheta: O Espirito do Senhor me deu a unção; enviou-me a evangelisar os pobres, a curar aquelles que teem o coração dilacerado, a annunciar aos captivos a libertação e a luz aos cegos...»

Aquelles que são hostis a Jesus Christo, teem horror á Egreja e ao Evangelho, mais por ignorancia do que por malicia e d'elles se póde dizer: Blasphemam tudo o que ignoram.

Este estado da alma reconhece-se não sómente no povo e no meio das classes mais humildes, a quem a sua propria condicção torna mais accesivel ao erro, mas até nas classes elevadas e entre aquelles mesmos que possuem instrucção pouco commum. Não deve proclamar-se que a fé é centraria ou abafa o progresso das sciencias, mas antes a ignorancia, de modo que quanto maior for esta maior será tambem a falta de fé. Foi por isso que Christo deu aos apostolos este preceito: Ide e ensinae todas as nações». (1)

Taes são, amados cooperadores, as palavras com que o Pontifice reinante chora a triste condicção de muitos homens, que, pedindo o pão espiritual, não teem quem lh'o dê.

Por isso Nós queremos chamar a attenção de todos os que se interessam pela salvação das almas e em todos despertar o seu zelo neste ponto importante.

Um dia prégava Jesus a sua doutrina divina e dizia assim a quantos o escutavam: «Guardai-vos dos falsos prophetas que vêm a vós com vestidos de ovelhas, e dentro são lobos roubadores: pelos seus frutos os conhecereis. Por ventura os homens colhem uvas dos espinhos, ou figos dos abrolhos?»

Assim toda arvore boa dá bons frutos: e a má arvore dá máus frutos.

Não póde a arvore boa dar máus fructos: nem a arvore má dar bons fructos.

Toda a arvore, que não dá bom fruto, será cortada e mettida no fogo.

Assim pois pelos fructos d'elles os conhecereis.

Nem todo o que me diz, Senhor, Senhor, entrará no Reino dos Céos: mas sim o que a vontade de meu Pae, que está nos Céos, esse entrará no Reino dos Céos.

Muitos me dirão n'aquelle dia: Senhor, Senhor, não é assim que prophetizámos em teu Nome, e em teu Nome expellimos os demonios, e em teu Nome obrámos muitos prodigios?»

E eu então lhes direi em voz bem intelligivel: Pois eu nunca vos conheci: apartae-vos de mim, os que praticaes a iniquidade.

(1) Ency. de 4 de outubro de 1904.

Todo aquelle pois, que ouve estas minhas palavras, e as observa, será comparado ao homem sabio, que edificou a sua casa sobre a rocha: e veio a chuva, e trasbordaram os rios, e assopraram os ventos, e combateram aquella casa, e ella não cahiu: porque estava fundada sobre rocha.

Todo o que ouve estas minhas palavras, e as não observa, será comparado ao homem sem consideração, que edificou a sua casa sobre areia: e veio a chuva, e trasbordaram os rios, e assopraram os ventos, e combateram aquella casa, e ella cahiu, e foi grande a sua ruina.

Elle aconteceu que, tendo acabado Jesus este discurso, estava o povo admirado da sua doutrina. Porque Elle os ensinava como quem tinha auctoridade e não como escribes d'elles e os phariseus». (1)

*Guardae-vos dos falsos prophetas*, diz Jesus aos que o escutam depois de lhes ter ensinado que é largo o caminho que leva a perdição e muitos são os que o seguem, ao passo que é estreita a porta e apertado o caminho que guia para a vida e que são poucos os que acertam com este caminho.

Muitas são, caros diocesanos, as causas porque é largo aquelle caminho e estreito este.

A natureza inclinada para o mal e as difficuldades que experimenta no exercicio da virtude; os attractivos do vicio que a natureza corruptida procura e os máus exemplos que por toda a parte apparecem—eis as principaes causas que alargam o caminho da perdição. Mas a estas acrescenta o divino Salvador a dos falsos prophetas, que são não os phariseus e escribes do seu tempo, mas ainda todos aquelles que, atravez os seculos, procuram seduzir os fieis e ensinar-lhes erradas doutrinas; «são os lobos arrebatores que não hão de perdoar ao rebanho, mas procurarão publicar doutrinas perversas, com o intuito de levarem após si muitos discipulos» (2) «são aquelles que causam dissensões e escandalos contra a doutrina ensinada aos fieis e que com doces palavras e benções enganam os corações dos simplices». (3)

*Pelos seus fructos são conhecidos*, diz o Salvador.

E' de urgente necessidade que os fieis se apartem e acatelem dos falsos prophetas, o que ás vezes não é facil, porque elles se apresentam com vestidos de ovelhas. Nestas circunstancias conhecem-se pelos fructos que produzem. Assim como a arvore boa não póde dar máus fructos, nem a arvore má dar bons fructos, assim o falso propheta não póde produzir fructos de salvação, mas a sua vida e os seus actos serão espinhos e abrolhos, porque «o homem bom, do bom thesouro do seu coração tira o bem e o homem má do má thesouro tira o mal; porque do que está cheio o coração, d'isso é que falla a bocca» (4).

*Nem todo o que me diz, Senhor, Senhor entrará no reino dos céos*, proclamou o Salvador.

Por estas palavras ainda Jesus Christo nos quiz ensinar um outro modo de se conhecer o falso propheta. Não basta fallar no nome do Senhor e invocal-o, mas para se entrar no reino do céo e levar após si outros é indispensavel fazer a vontade do Pai celestial; é condição necessaria prégar e ouvir a verdadeira doutrina e observá-la.

E' preciso chamar «Senhor» a Jesus Christo, mas também é necessario praticar os seus mandamentos, porque sómente aquelle que assim procede é semelhante a um homem que edifica uma casa, cujos alicerces collocou sobre uma rocha, de modo que não póde ser movida nem mesmo por uma imptuosa inundação; mas aquelle que ensina e não pratica, o que ouve e não opera, este é semelhante ao que construe a sua casa em terra levadiça, na

qual bateu com violencia a corrente do rio e logo cahiu, ficando em grande ruina a casa (5).

*Veio a chuva, e trasbordaram os rios e assopraram os ventos e combateram a casa construída na rocha e ella não cahiu* diz Jesus Christo a quantos o escutavam.

N'estas palavras, caros diocesanos, Nós vemos como S. João Chrisostomo todas as calamidades, inquietações de espirito, adversidades, calumnias, doenças e até a propria morte, que semelhante á chuva e ao vento, se desencadeiam e affligem o homem desde o berço ao tumulo, mas que o não prejudicam se, tendo uma educação verdadeira e solida, assiste intemerato á passagem de todos os males.

Se, ao contrario, o homem foi educado em theorias puramente humanas, que são representadas no Evangelho pelo terreno movediço, se não teve a illustrar-lhe a intelligencia a verdade ensinada pelo Homem-Deus, a robustecer e alentar-lhe a vontade a firme esperança dos bens da vida futura e a formar-lhe o coração o amor á virtude, bem depressa o homem cabirá perante a chuva e os ventos da vida e será arrastado pela corrente do erro e do vicio até ir dar no precipicio eterno.

Essa doutrina prégada por Jesus Christo, ha vinte seculos, e que tanta admiração causava no espirito dos ouvintes, tem hoje adequada applicação. E' sobretudo nos tempos correntes que é preciso pregar incessantemente a solida doutrina do Evangelho, porque este é obra de quem tinha suprema Auctoridade.

(Conclue)



## Varia

### Devaneio litterario

Um sabio, já roubado á existencia pela morte, Amédée Guillemin, encetou n'estes termos o primeiro capitulo de seu interessante volume *A luz e as côres*: «Vida e luz! Como fazer comprehender differentemente na linguagem divina da poesia, estas idéas, associadas no pensamento humano desde a mais remota antiguidade até hoje?»

Vida e luz!—E não é suggestão de taes idéas o espectáculo grandioso do Universo?

Tudo é vida e luz, na immensidade que nos assombra e nos deslumbra.

A vida aos borbotões no atomo chamado terra em que habitamos, a vida inexgottavelmente prodigiosa em tantissimos billhões de espheras que irradiam como pharões brilhantissimos nos seios do espaço insondavel; e a luz, banhando salutar e divina o ser e o planeta, a luz empolgando os sentidos em resultado de combinações maravilhosas, e elevando a alma ás concepções do Infinito!

Com effeito, só a fina delicadeza de um poeta, o mimo da sentimentalidade apurada, o entusiasmo arrebatador da inspiração, define as maiores bellezas e os maximos delirios.

Entretanto, póde e deve, todo o espirito que é attrahido pela visão dos phenomenos de capital excellencia e de primacial encanto, desabafar consoante a natureza de suas proprias commoções, e exprimir de harmonia com o grau de suas faculdades communicativas.

Os Homeros, os Virgílios, os Miltons, os Dantes e os Camões, são entes raros no plano mysterioso da psychologia do mesmo modo que os luminares da sciencia e os gigantes da caridade; mas, não obstante, merecem apreço os que sabem admirar tendo consciencia dos justos motivos de sua admiração.

Ha logar para todos na simultaneidade das coexisten-

(1) S. Math. VII, 15-29.

(2) Actos, XX, 29-30.

(3) Rom. XVI, 17-18.

(4) S. Luc. VI, 46 e seg.

(5) S. Luc. VI 46, e seg.

cias e no quadro contemplativo das scenas do Universo.

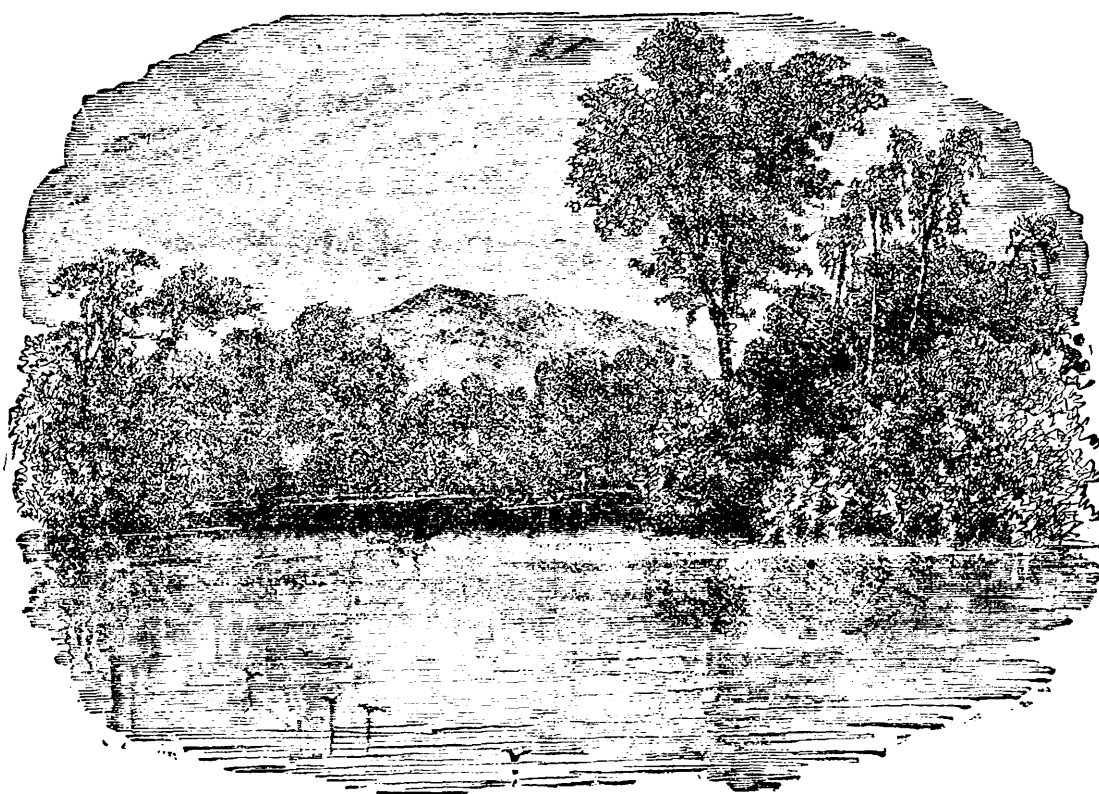
Entre o infinitamente pequeno e o infinitamente grande, são tão numerosos os laços de relação, são tão profundas as diferenças de categoria e tão nitidas e completas as linhas que estabelecem limites inconfundíveis e crystallizam pontos de semelhança, que não ha razões que tornem licito o retroceder de ninguem e a deserção da vida.

Chamados para um banquete singular, sob um docel de estrellas, cujo brilho se eclipsa e amortece ante o sol nas horas em que a lua o não reflecte em ncsso hemis-

dos os movimentos de todos os systemas planetarios, que determinamos e assignalamos mathematicamente as revoluções das esferas, as conjuncções apparentes e até o trilho dos corpos de cauda, que alguem denominou com graça: «Vagabundos do Céu»—os cometas!

E a vida adivinha-se onde se não palpa; e a luz jorra e ondêa, candida, purpurina, fascinadora, esmaltando atmosferas, atravessando massas, vencendo resistencias!

Que indiziveis effeitos de luz, quando a aurora começa a despontar e quando o astro-rei se atufa e deita no leito de espumas, alvas de neve, com que as aguas o recebem!



PAISAGEM DA PRIMAVERA

pherio, chamados assim a tomar posse ephemera de um recinto suspenso por virtude de forças que escapam a todos os apparatus de decifração, resta-nos alongar a vista pela amplidão e tentar erguer os véus que nos estorvam e perturbam.

Não attinge a nossa morada, com todas as suas montanhas e mares, com todas as suas florestas e especies animaes, com todos os seus prismas e cantares melodiosos, não attinge o volume relativo de um fructo de alguma de suas arvores, no oceano de mundos em que se perde o mais habil observador mesmo armado com o telescopio mais poderoso.

As distancias abertas de mundo a mundo, são taes, que os algarismos que as representam nem sequer integram uma simples sombra da realidade.

Velocissima como é a luz em seu caminhar, setenta e sete mil leguas n'um segundo, astros ha, que ainda não chegaram a impressionar a pupilla humana!

E tão precisamente se acham marcadas as orbitas dos astros, tão fundamentalmente estão prescriptos e regula-

O diluculo e o crepusculo encontram-se na phantastica magia de côres inimitaveis e arroubantes, identificam-se pela mesma rapida successão de transparencia e de contôrno extravagante que nos entontece e nos seduz.

Então, absôrtes ante caudae luzentes, é natural o recolhimento da alma em busca do ignoto. Sim: nenhuma idéa sulca a intelligencia humana, quando esmagada pela expressão eloquente do sublime e pela magestade do abysmo?

O Universo, palpitação eternal de vida, symphonia de delicias, abysmo imponente de forças convergentes, não se patenteia sujeito a supremas leis?

Leis! formulas de obediencia, segredo do immutavel, garantia e base inabalavel das sciencias; eis uma palavra que scintilla na face do Universo, o nitido espelho de revelação typica de um Ser superior, a nota e a letra de um hymno de louvor ao Artista increado, que as creaturas adoram e que os mundos proclamam em côro afinado e retumbante!

D. FRANCISCO DE NORONHA.



## Secção social-christã

### Balanço do movimento social no anno findo

(Conclusão)

Horrorisado o mundo pelos recentes attentados anarchistas, cuja cauza efficiente se tem de procurar n'esta propaganda infernal, parece que, mesmo tolerando o principio da liberdade do pensamento e da palavra, os governos vigiam os filiados n'aquella seita, procurando coonestar d'este modo os effeitos da publicação em periodicos, revistas e livros. Não é muito racional o procedimento, porém algo se consegue, e é convencer todo o mundo da necessidade de pôr um travão á diffusão d'umas doutrinas que tem um fim por todos os modos criminoso.

Chegamos finalmente aos *catholicos*. No anno que findou os catholicos realisaram grandes progressos no terreno social. Em todos os Congressos celebrados para fomento das obras catholicas tratara-se, sob diversos pontos de vista, da chamada por autonomasia a questão social, demonstrando assim o summo interesse d'esta lista de materias, já definitivamente incorporada no programma da acção catholica. Seria tarefa interminavel e impropria d'este exame synthetico enumerar aqui todos os Congressos internacionaes em que se tratou da questão, assim como a lista das publicações com que os auctores catholicos enriqueceram a bibliographia sociologica no anno findo, e as instituições importantissimas, sobretudo de character docente e economico, em que se empregaram. E' assim como se chega a dar solução aos conflictos sociaes, e assim o comprehende o povo que accode sollicito a esta grande obra de christianisação da sociedade.

Os catholicos foram os que trouxeram para o campo da Economia, esterilizado pelo individualismo, essa retea de realidade que se chamou, não muito propriamente, *intervencionismo sociologico*. Sempre pensaram os tratadistas catholicos que o Estado tinha o dever de contribuir, com a acção privada e a governativa, para melhorar as relações entre os diversos agentes da producção, empregando a publica coacção e a tutela para fazer cumprir a todos, e especialmente aos poderosos, as obrigações da equidade e justiça. N'este ponto, respeitando sempre os direitos do individuo, os catholicos hão chegado aonde não pôdem chegar os socialistas.

Pois bem; n'estes ultimos tempos poderam experimentar-se os beneficos resultados d'esta theoria intervencionista, que produzira uma legislação social ainda incompleta, mas mui apta para garantir a paz no mundo do trabalho e fazer com que sejam respeitados os direitos dos fracos e dos pobres, de quem sempre o Christianismo foi denodado defensor.

As leis protectoras da infancia, da mulher e do operario enfermo ou ferido; as que regulam o preço e as horas do trabalho; as que tendem a resolver os conflictos entre capitalistas e trabalhadores, toda essa legislação social que parece ser a nota characteristic da politica contemporanea deve-se, em grande parte, aos philosophos, publicistas e homens de acção do Catholicismo que um dia e outro dia tem vindo sustentando a necessidade de que o Estado moderno dê força coactiva aos regulamentos tradicionais das antigas corporações destruidas pela revolução.

Na nação vizinha, a Hespanha, o *intervencionismo* produzira no anno findo a famosa lei do descanso dominical, que, ainda sendo como é, laica e incompleta veio realisar uma grande missão social que os catholicos não deixarão de applaudir. Permitta Deus, agora, que o anno corrente seja fecundo em proveitosas reformas sociaes que assegurem a paz no mundo do trabalho.

Pius.

## As nossas gravuras

### Porta lateral do Convento de Christo - Thomar

(Vide n.º 5)

O convento de Christo é um dos gloriosos monumentos de Thomar, a historica cidade do famoso gram mestre dos Templarios, D. Gualdim Paes.

D'este notavel monumento de Portugal destacaremos a *Charalla* dos templarios e o claustro do cemiterio. A *Charalla*, que quer dizer corredor semi-circular entre o corpo da igreja e o altar-mór, foi levantada por D. Gualdim Paes para as ceremonias religiosas dos templarios.

Hoje é a capella-mór da magastosa igreja que D. Manuel, mestre da Ordem de Christo, mandou construir, segundo o risco do celebre architecto João de Castilho.

Da simplicidade primitiva da *Charalla* pouco resta, pois D. Manuel mandou-a adornar com diversos arabescos, estatuas, baldaquinos e soberbos quadros dos quaes ainda restam alguns. Esteve profanada esta igreja depois de 1834, mas já ha bastante tempo que foi de novo ben-zida, havendo n'ella algumas festividades.

Tem este convento varios claustros: o de D. João III, o dos Philippes, Santa Barbara, Hospedaria, Mixa e o dos Corvos.

O do Cemiterio é um admiravel specimen da architectura gothica. Foi seu fundador D. Henrique, que a mandou traçar ao mestre Fernão Alvares. Tem mansolêus ricos em architectura.

### Uma vista de Napoles

(Vide n.º 6)

O mar Tyrreno, que demora entre a Italia, a Corsega, a Sardenha e a Sicilia, forma os estreitos de Messina, de Bonifacio, o canal da Corsega, os golfos de Napoles, de Salerno e de Policastro.

O golfo de Napoles está situado na costa do antigo reino do mesmo nome, occupando uma superficie de trinta kilometros de comprimento por vinte e dois de largura. A montanha do Vesuvio, prolongando-se pelo mar fóra, offerece d'este lado uma serie de collinas, cobertas de vegetação, que, ao morrer no mar, apresentam, como sentadas em um regaço prateado, povoações escondidas no meio dos olivae e dos laranjaes em flor.

Do seio das aguas sahem, como por encanto, cidades, villas e aldeias, em que se agglomera uma população descuidadosa, desvanecida das delicias com que a Providencia dotou o seu abençoado torrão.

Descendo do morro da montanha de fogo encontram-se reclinadas para as aguas tranquilladas do golfo, Cartellamare, que é como um ninho de pombas suspenso á beira de um abysmo, Sorrento, a patria de Tasso, cujos restos ainda se vêem. Mais adiante alvejam as ruinas de Pompeia, a esplendida cidade soterrada pelo Vesuvio ha mais de dois mil annos. E igualmente, Stabia, Portice, e enfim apparece-nos no meio de toda a sua sumptuosidade, Napoles, a famosa perola dos mares italianos.

«Ver Napoles e depois morrer» diz um celebre ditado italiano.





## Secção poetica

### Confissão

Senhor, da montanha á cuspide,  
Lasso viajor, sou chegado,  
E, por instantes sentado,  
E' a hora de meditar.  
Será talvez momentanea,  
Vertiginosa, a descida  
A' voragem, onde a vida  
Terrena se ha de abysmar.

D'aqui volvendo olhos languidos  
Ao percorrido caminho,  
Semeado de tanto espinho,  
Posso o passado rever ;  
E encontro, no curso rapido,  
Alegrias breves, raras,  
Tristezas longas, amaras,  
Pouco rir, muito soffrer.

Mas se era o *valle de lagrimas*,  
Se era o logar de *desterro*,  
Fôra imperdoavel erro  
Esperar que fôsse um céu ;  
E, com virtudes e meritos,  
Ganhar a *patria* cumpria,  
Alcançar o eterno dia  
De paz e de luz sem véo.

Senhor, se no meu espirito,  
Doutrinado por mãe crente,  
Jamais a infernal serpente  
Destruira o dom da fé,  
Quaes minhas obras proficuas ?  
Todo vicios e d-feitos,  
Segui os vossos preceitos  
Como deve a alma que crê ?

Disseram-n'os vossos labios :  
«A carne é fraca», e, aturdi-la,  
Se deixa arrastar, vencida,  
Pelo vento das paixões ;  
Buscando gozos, phrenetica,  
O peccado não a espanta ;  
E, em miseria e illusão tanta,  
R-fervem as tentações !

Eis, Senhor, a historia lugubre,  
Lamentavel, da minha alma,  
Que, em vez de gostosa calma,  
Sente profundo temor :  
Porque, na sua demencia,  
Não comprehendeu, desgraçada !  
Que só o amor vos agrada  
A vós que sois todo amor.

Aquelles heroicos martyres  
Que pela fé padeciam,  
Que entre torturas morriam,  
Sempre á virtude fieis,  
Sabiam que amor purissimo  
Era todo o Christianismo,  
Nem conheceram o abysmo  
De mil terrores crueis !

Eu... sou desprezivel atomo  
Que no inf-cto pó se arrasta,  
De que até o verme se afasta  
Sem lhe prestar attenção ;  
Para vós, dos mundos Arbitro,  
Um sou dos vossos remidos,  
E vós aos arrependidos  
Estendeis amiga mão.

Se a tantos é subitaneo,  
Inesperado, improviso,  
Sem o mais ligeiro aviso,  
Da morte o golpe cruel ;  
Dos annos no inverno frigido,  
Com razão grande eu receio  
Me fira da culpa em meio,  
A' vossa graça rebel !

O' Deus de misericordia,  
Perdão pois e piedade !  
Da lepra da iniquidade  
Minha pobre alma livrae !  
Como Ju'iz integerrimo  
Apavorado vos temo ;  
Mas n'um anseio supremo  
Espero em vós como Pae !

A. M. REIRA BELLO.



## Boletim scientifico

### O alcoolismo

(Conclusão)

Continuamos na enumeração dos males pavorosos relatados pela sciencia medica.

As perturbações mais impressionantes são as que provêm do *systema nervoso*: o *enfraquecimento da memoria*, o *somno agitado* pelos *pesadelos*, as *visões de animaes immundos*, as *hallucinações*, a *paralysisa geral*, a *loucura*.

O *delirium tremens* com as suas espantosas e terriveis convulsões ameaça todo o alcoolico. E' este o ultimo grau da decadencia humana.

A intelligencia mais bella é dentro em breve vencida pelo veneno. Talentos superiores perderam-se com o alcool.

Exemplos: Alfredo de Musset, o pintor Courbet, Hoffman, o auctor dos *Contos Phantasticos*, que recorria ao vinho como excitante cerebral, e que «chegava, diz um dos seus biographos, a ser levado, como uma creança para o berço, nos braços d'uma creada.»

Em toda a parte em que o alcoolismo esteja em progresso, vê-se augmentar nas mesmas proporções os suicidios, a loucura, a criminalidade.

Em França, de 1860 a 1892 a cifra total dos alienados triplicou. A progressão é parallela ao augmento do uso das bebidas alcoolicas. Nos asyls entra uma proporção de alcoolicos de 13 por 100 (mulheres) e de 39 por 100 (homens). E é preciso zjuntar a estes algarismos os innumeraveis *impulsivos* e os loucos furiosos, cujas façanhas sangrentas enchem todos os dias as columns dos jornaes.

O alcool actua sobre a criminalidade; os dois terços dos detidos são alcoolicos.

Influe ainda sobre o augmento dos suicidios. Em 1891, em França, 11 por cento dos suicidios fôram devidos ao alcoolismo. Em 1:000 intoxicadas, 300 por anno tornam-se tuberculosos e morrem. Adicionem-se agora as mortes causadas pelas doencas especiaes que provêm do alcool,

pelos accidentes de toda a natureza a qua estão expostos os intemperantes e ver-se-ha em que medida o alcool conduz ao tumulo.

Por mais nefasta que seja a acção do alcoolismo sobre os individuos, não é ainda ahi que está a mais terrivel.

Entrado na constituição do ser, o alcoolismo condemna á doença todos aquelles que nascerem d'um individuo intoxicado. O alcoolismo é hereditario.

Como a fatalidade antiga que perseguia uma raça até ás suas ultimas vergontas, assim elle ataca gerações successivas que vão de queda em queda até á desappareição final. Eis a responsabilidade moral do alcoolico. Effectivamente, longe de poder invocar esta desculpa, por mais mediocre que seja: «Eu só faço mal a mim mesmo», pelo contrario, o alcoolico faz por meio do seu vicio a desgraça d'uma serie de innocentes. E' isto o que dá á questão toda a sua importancia social: o alcoolismo é o mais pavoroso flagello que pôde comprometter a conservação d'uma raça e o futuro d'uma nação.

Os filhos dos alcoolicos são rachiticos, degenerados, idiotas. Os dos bebedores de apiritivos e sobretudo dos bebedores de absinthe são nas mais das vezes epilepticos.

Esta hereditariedade dos alcoolicos é attestada por exemplos notaveis. Um é o de Edgard Poe, o contista americano. Oriundo d'uma familia em que o uso immoderado das bebidas era uma tradição, bem cedo manifestou a sua inclinação para ellas; já homem abandonou-se inteiramente á sua paixão, contra a qual uma especie de doença da vontade o impedia de lutar. As hallucinações de que era presa contribuíram para dar aos seus *Contos Phantastico* essa coloração morbida. Sobreveio-lhe a demencia, e os accessos de *delirium tremens*, em que elle lutava contra invisiveis inimigos e se debatia contra phantasmas, levaram-no ao tumulo.

E' neste ponto que as estatisticas dos medicos são mais eloquentes que todas as considerações. Eis uma amostra dada por M. Arvéde Barinae:

«Um alcoolico inveterado tinha tido sete filhos. Os dois mais velhos morreram na meninice de convulsões.

O terceiro enlouqueceu aos vinte e dois annos, o quarto tornou-se imbecil.

O quinto é um desconcertado, o sexto um nervoso que se crê votado á loucura. Ha uma filha; esta é nevropathica e tem accessos de demencia.

Outra familia: O avô é um ebrio, o pae um alcoolico inveterado. Doze filhos: Oito morreram na primeira infancia de convulsões. Restam dois rapazes, um epileptico, vago e vicioso, e o outro alcoolico com accidentes, e duas filhas, uma hysterica, e a outra desequilibrada e devassa.»

Sabe-se que, fazendo-se chocar ovos de galinha em uma atmospherica carregada de vapor de alcool, d'elles sahem monstros ou doentes.

Faz-se beber alcool a cadellas e os seus cãesinhos morrem ao nascer ou tornam-se epilepticos.

Decadencia physica e intellectual, ruina material e moral, tal é o apanagio do alcoolismo. A' medida que o flagello se installa e augmenta, vê-se rapidamente desapparecer a actividade, a energia, a moralidade; ao mesmo tempo, a saúde altera-se, o cérebro perturba-se, e acha-se aberta a porta á loucura furiosa. O alcoolico é punido na sua posteridade e esta posteridade não pôde ser longinqua, porque uma raça alcoolica está condemnada a uma rapida extinção. E' uma raça que se extingue.

Eis pintado com as suas verdadeiras tintas o negro quadro do alcoolismo.

Resta, pois, empregar toda a energia moral para o combater onde quer que se ache, porque elle é o maior flagello que pesa sobre a sociedade hodierna.

Dr. \*\*\*

## Retrospecto da Quinzena

O Domingo da Paixão é o quinto da Quaresma, em que a Igreja mais especialmente se occupa das dores e morte de seu Esposo, Jesus Christo. Este domingo com a semana immediata fórma o tempo da Paixão, em que não se entã nos Officios o «Gloria Patri», cobrindo-se as imagens e cruces com véus roxos, augmentando assim a Igreja a tristeza e o lucto ao commemorar tão lugubres como saltares mysterios. Entremos na comprehensão d'estas cerimoniaes augustas, redobrando de esforços para celebrar com fructo a memoria do nosso Resgate.

Trata-se em Braga com todo o enthusiasmo da commemoração do centenario do Arcebispo D. Fr. Caetano Brandão.

Ninguem ignora quem foi, e o que foi o glorioso Arcebispo de Braga. A impiedade celebra os seus *grandes homes*. Com maiores razão s devem os catholicos festejar os astros rutilantes, que scintillam no seu céu, derramando sobre todos ondas de luz e influencias beneficicas.

D. Fr. Caetano Brandão, além das suas virtudes puramente christãs, tornou-se notavel, porque foi o inventor das exposições industriaes e agricolas.

Heura, pois, aos bracarenses que sempre religiosos e patriotas não olvidam os vultos mais grandiosos dos seus fastos.

No dia 14 de março findo fez 25 annos de Episcopado o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Nuncio Apostolico em Lisboa, D. José Macchi, Arcebispo de Thessalonica.

S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> foi pelas 9 horas da manhã ao Asylo dos Velhinhos em Campolide, que é dirigido pelas Irmãs dos Pobres, onde assistiu á Missa resada pelo rev.<sup>o</sup> Capellão d'aquelle instituto de caridade. Acabada a Missa o côro das Irmãs entoou o *Te Deum*, sem ellas mesmas saberem o motivo d'aquella singela cerimonia.

O Ex.<sup>mo</sup> Sr. D. José Macchi foi preconizado Bispo titular de Gadara no Consistorio de 27 de fevereiro de 1880 e sagrado em Roma no dia 14 de março pelo Ex.<sup>mo</sup> Cardeal de Lucca, sendo assistido pelos Ex.<sup>mos</sup> Sr.<sup>s</sup> D. Vicente Vanutelli, Arcebispo de Sardia, hoje Cardeal de S. R. E. e D. Pedro Facciotti, Bispo de Tarentino, actualmente titular de Calcides.

Eviando as nossas mais sinceras e respeitadas felicitações ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Nuncio, fazemos fervorosos votos pela preciosa vida de S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>a</sup>.

S. Santidade Pio X, n'uma carta dirigida ao cardeal Svampa, Arcebispo de Bolonha, acaba de condemnar os democratistas christãos autonomos que, subtrahindo-se á direcção da Igreja, e dos seus bispos, preparam um congresso n'aquella cidade.

Já em Padua e Verona, os cardesaes Bacilieri e Calignari se tinham visto na necessidade de publicar duas circulares, prevenindo os catholicos contra as exaltações e exageros d'estes grupos democratistas e censurando-os vivamente por semearem o erro e a discordia no campo catholico.

Segundo a ultima estatistica do grande annuario official da Igreja, o Catholicismo conta na grande republica americana nada menos de perto de 12 milhões de adeptos, não mencionando as creangas, pois com estas o numero eleva-se a 16 milhões. Juntando a este numero os catholicos de Porto-Rico e Filipinas, temos um total de 25 milhões. Depois do Catholicismo, é a seita methodista a que conta mais sequazes, o maximo 12 milhões.

Acaba de fallecer ultimamente (24 de março) o notavel romancista francez Julio Verne.

O nome de Julio Verne era universalmente conhecido, mercê das suas innumerables obras, agrupadas sob o titulo de *Viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos*. O feitiço que dera a estes trabalhos litterarios fôra tal que lhes valera o nome de romances scientificos.

De facto, Julio Verne, pondo de parte a immoralidade e dissolvencia dos romances francezes da moda, na actualidade, abordou antes a divulgação scientifica, o que lhe concedeu grande numero de admiradores.

Nas suas obras, a par do enredo romanesco, trata com grande erudição todos os ramos do saber humano, parecendo impossivel a um espirito, a não ser o d'um genio, assimilar tamanho cabedal de conhecimentos. Quem não conhece a *Viagem da terra á lua*, *Cinco semanas em balão*, *Viagem ao centro da Terra*, *A volta do mundo em 80 dias*, *Atribulações d'um chinez*. *A galera Chancellor* e tantas outras do notavel romancista?

Julio Verne morreu, deixando um nome illustre na litteratura universal.

O Conselho Federal da Suissa publicou os resultados do recenseamento feito em 1 de dezembro de 1900. O primeiro volume, unico que appareceu até agora, diz qual a cifra dos habitantes de cada communa, a sua situação civil, nacionalidade, religião, etc.

A religião é tratada em quatro columnas: os catholicos, os protestantes, os israelitas, os d'outra confissão ou que não pertencem a nenhuma. Os catholicos eram 971:809 em 1850 e agora são 1.379:664, emquanto que os não catholicos subiram de 1.426:797 a 1.935:779; o augmento é, pois, de 41 p. c. entre aquelles e 31 p. c. entre estes.

Extremamente confundidos nos confessamos para com a excellente *Revista Catholica*, o valente campeão de Vizeu.

Este nosso presadissimo collega fez preceder a transcripção das justas palavras com que acompanhamos o retrato do seu illustre director, o rev.<sup>o</sup> conego dr. Miguel Ferreira d'Almeida, com phrases de tão elevada estima e consideração para connosco, que, repetimos mais uma vez, nos deixou devêras penhorados e confundidos.

Ao presadissimo collega a nossa profunda venia.

Devido á extrema amabilidade do venerando Arcebispo de Evora, o ex.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> sr. D. Augusto Eduardo Nunes, recebemos a sua *Instrução Pastoral*, (Quaresma de 1905).

Lêmol-a com attenção indizível, não só para haurirmos a doutrina que d'ella brota, como ainda para saborearmos a vernaculidade da sua pujante presa.

A s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> muitos agradecimentos pela offerta, e beijamos reverentes o anel prelaticio.

Tambem recebemos do inclito Antistite do Funchal, s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup> D. Manuel Agostinho Barreto, um exemplar da sua pastoral da presente quaresma.

E' um documento substancialissimo, cheio de sãos ensinamentos e paternas exhortações, digno por isso de ser attentamente meditado.

Beijamos humildes o anel episcopal de s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup>.

Esteve luzida a academia litterario-musical realisada no dia 26 ultimo, na Associação da Mocidade Catholica do Porto, em honra de S. Santidade Pio X.

Foi presidida pelo illustre prelado, o ex.<sup>mo</sup> sr. D. Antonio Barroso, assistindo o rev.<sup>mo</sup> sr. D. Theotónio, bispo de Meliapor.

Após o discurso de abertura, pronunciado pelo sr.

Sousa Ribeiro, foi lido um telegramma de benção de S. Santidade. O programma, primorosamente seleccionado, foi muito bem desempenhado em todos os numeros. O menino Antonio Ruy, de cinco annos, filho do director d'esta revista, recitou com toda a graça infantil a «Ave Maria», de Thomaz Ribeiro, sendo intensamente applaudido. A festa terminou por um formoso discurso do venerando Prelado, e por vivas entusiasticos a S. Santidade.

A imprensa catholica progride e progredirá sempre, porque assim o exigem as necessidades da epocha. E', porém, necessario o auxilio de todos n'esta grande obra de christianisação da sociedade, sua meta, concedendo-lhe todos os auxilios possiveis e pelos meios mais fructuosos. Quanto maior fôr o impulso que lhe imprimirem os seus protectores, mais proficua e brilhantemente desempenhará o seu papel. Já melhoramos consideravelmente esta revista, e ainda muito mais quereríamos fazer, mas faltam-nos o auxilio preciso para levar isso a effeito. Venham novas assignaturas, grangêem-nos os nossos amigos assignaturas, trabalhem para a angariação de assignaturas, e traduzir-se-hão ellas logo em melhoramentos palpaveis e consequentemente um mais largo campo de acção para a nossa revista, a mais antiga revista catholica portugueza.

Venham sempre assignaturas!



## Bibliographia

### A «Imitação» do P.<sup>o</sup> Marinho

Do Padre Marinho a versão e as notas, que o auctor do bellissimo livro nem é conhecido ao certo. Até n'isso é grande o precioso manancial de consolações. Quem tanto divinizou a humildade e a paz, devia ficar humilde no olvido dos desconhecidos e socegado na paz tumular dos que não deixam nome na terra.

Ha innumerables versões da dulcissima obra. Entre nós vinha predominando a de Roquete, fiel traslado da traducção e annotação de Lamennais, sem duvida a melhor reproducção e o mais conceituoso commentario de tão suaves pensamentos.

As edições Roquete tinham o defeito do preço. Boas, mas caras. A versão e annotação de Mosenhor Marinho tem esta enormissima vantagem: é podre de barata.

Adquirir por 300 réis, em linda cartonação, 470 pag. de mel tão puro é realmente um successo de boa imprensa.

O texto pouquissimos reparos poderá soffrer dos mais exigentes. As notas são um variegado repositório de doutrina, de moral, de ascetica, de tudo. Plano inteiramente diverso dos admiraveis appendices de Lamennais.

E' claro que o P.<sup>o</sup> Marinho não é, não pretende ser Lamennais. Tem muito talento, é um raro trabalhador, mas é modesto de mais para se offender com esta rude franqueza.

Das sete edições que hei visto da «Imitação de Christo», certo que inculcarei sempre a versão Marinho.

E' um livro completo. Traz alfin um devocionario para assistir á missa, orações da manhã e da noite, confissão e communhão. A terceira edição (que as duas já lá vão) junta ainda um resumo da doutrina christã, um succinto mas bem feito e selecto catecismo.

As orações da missa, que são todas tão repletas de indulgencias, dão ao livro um particular motivo de propaganda, aliado á modicidade do preço.

As bolsas mais abonadas não ficarão no entanto dispensadas de adquirir tambem opportunamente as bellezas de Lamennais na edição Roquete.

O bom Padre Marinho prestou á boa causa um enorme e relevantissimo serviço. Na larga folha dos seus trabalhos de padre esforçado, esta será sempre a sua gloria mais perduravel.

E' bem que se diffunda cada vez mais o «mais bello livro que ha sahido das mãos de um homem, pois que o Evangelho tem origem diversa» —no conceito do grande espirito de Fontenelle.

E' bom que leve doces consolações a muitas almas o livro mais consolador e mais sublime que podemos possuir.

E' bom que em nenhuma mesa onde se respira o perfume da crenga e o aroma da piedade, falte jamais a flôr mais mimosa do nosso jardim da Fé e da Caridade. Que n'esta pousada triste do nosso exilio são estas as duas lampadas benditas a illuminar o alevantado horisonte da Esperança!

(C. do Minho.)

*D'ccionario Apologetico da Fé Catholica*, em que se contém as principaes provas da verdade da R-ligião e as respostas ás objecções tiradas das sciencias humanas, por J. B. Jaugey. Com a collaboração de granle numero de sabios catholicos. Publicada com auctorisação do Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Bispo do Porto, D. Antonio Barroso, e dedicado ao clero portuguez.

Devido á amabilidade do snr. Antonio Dourado, o bem conhecido e benemerito editor catholico d'esta cidade, recebemos esta obra importantissima, que se torna imprescindivel na bibliotheca de todo o catholico, nos tempos presentes, porque versa alta e sabiamente sobre todos os pontos de apologetica, á luz da sciencia moderna.

No proximo numero fallaremos mais largamente de tão magistral obra.

*A Resurreição de Christo perante a Sciencia*, por Duplessy. — 10 vol. da Collecção Sciencia e R-ligião. Livraria Povense de José Pereira de Castro — Povoá de Varzim.

Duplessy, o illustre auctor d'este opusculo, é reputado como um notabilissimo ex-geta, e este volume é considerado como o m-lhor dos que sobre o assumpto se tem escripto.

Com este vol. fica concluida a primeira serie, estando aberta a assignatura para a segunda pelo preço de 900 rs.

## EXPEDIENTE

Por estes dias vamos mandar para o correio os saques das assignaturas em divida. Pedimos, pois, aos nossos estimaveis assignantes que assim o não queiram, a fineza de nos participarem quanto antes.

## ANNUNCIOS

### Sermão do Enterro

PRIMEIRO ENSAIO ORATORIO

DO

ABALISADO E SAUDOSO

José dos Santos Monteiro

BACHAREL EM THEOLOGIA E FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, ANTIGO PROFESSOR

DO SEMINARIO DE LAMEGO E PRIOR DE VILLA DO CONDE

Approvado pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Antonio Barroso Bispo do Porto

Preço . . . . . 400

## IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada

com notas por

MONSENHOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr.

D. ANTONIO, BISPO DO PORTO

### Preços :

Em percalina . . . . .	300 reis
Em carneira com folhas douradas. . . . .	500 »
Em chagrin, douradas . . . . .	1\$000 »

## O MEZ DE S. JOSÉ

A VIOLETA DE MARÇO

VERTIDO D'UM LIVRO ALLEMAO POR

CARLOS H. PIEPER

REVISTA PELO

Dr. Theologo Domingos de Souza Moreira Freire

—\*—

Com permissão do Em.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto

PREÇO 160 REIS

## MEDITAÇÕES

PARA

## O MEZ DE MAIO

PELO

PADRE AFFONSO MUZZARELLI

DA COMPANHIA DE JESUS

Com Piedosos e lindos colloquios com a SS. Virgem para todos os dias

E tocantes exemplos extrahidos das obras de Santo Affonso Maria de Liguorio e de outros bons auctores

Com permissão do Em.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal D. AMERICO, Bispo do Porto

Preço. brochado, 160 reis:

encadernado, 160 reis.

José Joaquim d'Oliveira  
PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO  
103, Rua do Souto, 105 — BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,  
Industrial de Lisboa de 1888  
e Universal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrado; paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.